

# **Empreendedorismo social e protagonismo juvenil: articulações da interface comunicação/educação no discurso da Quiron Educação**

Sarah Hiratsuka Rezende

## **Introdução**

O trabalho aqui proposto integra a pesquisa de mestrado em desenvolvimento, cuja temática de estudo direciona-se aos discursos mobilizados por empreendedores sociais em suas práticas comunicativas. Neste espaço, almeja-se realizar o panorama analítico das narrativas produzidas pelo objeto de pesquisa: a Quiron Educação – instituição educacional caracterizada como negócio social (Yunus, 2008), cujo propósito relaciona-se ao protagonismo juvenil e metodologias de ensino inovadoras. Configuram-se como objetivos específicos do presente trabalho: a) selecionar sequências discursivas que materializem o objeto discursivo; b) verificar sinalizações da interface comunicação/educação no discurso do empreendedorismo social, mobilizado pela Quiron; c) identificar o conjunto de saberes que constituem a formação discursiva do negócio social.

A interface comunicação/educação define-se como eixo transversal desta pesquisa, observadas as estratégias de ensino-aprendizagem articuladas pela Quíron em seus quatro pilares de atuação: “empreendedor”, “ser”, “inovador” e “social”. Tal perspectiva alinha-se à edificação de processos educacionais multifocais que buscam estabelecer o diálogo entre áreas de conhecimento e espaços sociais divergentes, diluindo barreiras que territorializam o ambiente escolar. Percebe-se que o conjunto de saberes associado a processos educacionais disruptivos – inovação, criatividade, protagonismo, autonomia etc. – é mobilizado em narrativas acerca do empreendedorismo social. O diálogo com a interface comunicação/ educação contará com as produções de autores(as) como Baccega (2011), Huergo (2014) e Kaplún (2014) – concentradas na coleção “Educomunicação” –, bem como com as contribuições de Citelli (2004), Braga e Callazans (2001) e Orozco-Gomes (2006, 2014).

Em se tratando da caracterização da organização como um “negócio social”, voltado à causa da educação, cabe o diálogo com a teoria do reconhecimento, na perspectiva de de Nancy Fraser, de modo a colocar em discussão um modelo de combate às injustiças que interpelam o contexto educacional.

A investigação parte de técnicas de pesquisa documental – acerca da atuação comunicativa do objeto de pesquisa em seu site, redes sociais etc. – e observação sistemática – de apresentações/falas de Daniel Dipp e Fernando Granato (idealizadores e CEOs da Quíron), em eventos como o lançamento do livro “Empreendedorismo Social e Inovação Social no contexto brasileiro”. Por intermédio da Análise do Discurso de linha francesa, será orientado o processo de investigação em profundidade, a fim de compreender as materialidades discursivas engendradas pelo empreendedorismo social em interseção com o âmbito educacional. Para a seleção das sequências discursivas consideramos as múltiplas plataformas anteriormente citadas, tendo em vista que o corpus de análise é “composto por textos variados, de diversos gêneros, que circulam em diferentes suportes, sobre um mesmo tema, conceito ou acontecimento” (SARGENTINI, 2007, p.4). Desse modo, a noção de formação discursiva é encarada como heterogênea, a partir do movimento de “leitura do arquivo”.

## **Quíron – Educação para o protagonismo:**

### **“A educação do futuro no presente”**

A fim de compreender os saberes constitutivos articulados nos dizeres do objeto de pesquisa em questão, iniciamos nossa abordagem com a apresentação da organização em análise: a Quíron – Educação. Para tanto, será tomado como foco de nosso olhar o conteúdo por ela mobilizado em diferentes circunstâncias, tendo em vista a multiplicidade de suas tratativas. Com o “propósito de desenvolver e tornar acessíveis soluções que inspirem um novo jeito de pensar e agir para a construção de uma sociedade protagonista” (como consta na aba “sobre” em seu site), a Quíron autocaracteriza-se como um negócio social, voltado à melhoria da educação no contexto brasileiro.

“A educação é arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo”, essa frase de Nelson Mandela nos motivou a sair do campo das ideias e criar a Quíron, escola de empreendedorismo e inovação. Um negócio social que tem por objetivo a melhora da educação brasileira através de uma metodologia diferenciada, acessível e criativa. (SD1, fala de Daniel Dipp na plataforma Catarse)

A terminologia “negócio social”, como uma vertente do empreendedorismo social, assume a lógica de mercado como parte de sua estrutura organizacional. Sua recente utilização apresenta desafios tanto no ambiente acadêmico quanto no ambiente corporativo, principalmente devido ao fato de o “novo conceito” trazer em sua dimensão a convergência de âmbitos considerados até então inconciliáveis: “aqueles voltados para a realização de negócios e aqueles voltados para a redução de impactos negativos sociais e ambientais” (ROSOLEN, TISCOSKI E COMINI, 2015, p. 142).

Elaborado pelo economista Muhammad Yunus, prêmio Nobel da Paz em 2006, o “negócio social” é definido como um tipo de empreendimento/ organização que aloca como principal propósito a resolução de determinada problemática social, articulando métodos e modelos de negócios (estrutura, criação de produtos e serviço, estratégias, etc.). Porém, diferentemente do empreendedorismo social, o negócio social volta-se à perspectiva apresentada por Yunus (2010, p. 37), em que “[...] o princípio de maximização dos lucros é substituído

pelo princípio do benefício social. Em vez de acumular o maior lucro financeiro possível - para ser desfrutado pelos investidores – a empresa social procura alcançar objetivos sociais”.

Com base nessa visão de empreendimento, em outubro de 2013, pelas mãos de Daniel Dipp e Fernando Granato, têm início a trajetória empreendedora da Quíron – Educação para o Protagonismo. A partir de suas próprias experiências educacionais, o Relações Públicas e o Engenheiro Eletricista decidem buscar a transformação do cenário educacional, com o intuito de gerar estímulos para a efetivação do protagonismo do estudante pelo viés do autocohecimento e do empreendedorismo. Segundo Dipp, em entrevista ao jornal Gazeta do Povo<sup>1</sup>, “mais do que soluções, buscamos despertar mudanças comportamentais em nossos jovens, para que eles sejam parte da mudança positiva em nossa sociedade, que ampliem suas perspectivas e se percebam como seres em transformação”.

Interessante enfatizar que a Quíron nasce da inquietação de seus idealizadores com as sistemáticas educacionais experimentadas em suas trajetórias escolares e universitárias. Seus questionamentos partem da reflexão sobre a similaridade das estruturas escolares e estratégias de ensino-aprendizagem ao modelo de ofício industrial. Cita-se, por exemplo: as carteiras enfileiradas em comparação aos postos de trabalho fabril; avaliações padronizadas em provas e testes, onde o conteúdo deve ser replicado, assim como as operações do maquinário de produção em série; e mesmo o sinal que soa para alertar a chegada do recreio aproxima-se da sonoridade dos apitos de ordem sobre as atividades dos operários.

E aí foi há cinco anos atrás, eu e mais um outro amigo, Daniel Dipp, a gente começou a se perguntar por que que tudo isso era só uma tendência, uma educação do futuro, e por que que a gente não fazia no hoje. E aí, com isso, a gente criou a Quíron, se propondo mesmo, de uma forma audaciosa, a ser essa educação do futuro, digamos assim, trazendo

---

1 Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2016/empresa-forma-jovens-protagonistas-djv362w7gkr3orfzdzcky89xw>

um novo modelo de ensino complementar ao modelo tradicional, onde a gente trabalha temáticas que vão desde empreendedorismo social, até criatividade, autoconhecimento, liderança, negociação, enfim, uma série de temas muito focados em formar uma pessoa mais protagonista. (SD2, fala de Fernando Granato no lançamento do livro “Empreendedorismo Social e Inovação Social no contexto brasileiro”)

Materializa-se nos dizeres relatados acima, a proposta de Dipp e Granato direcionada à desconstrução dos padrões da “educação bancária” pela construção de abordagens calcadas no viés reflexivo dos sujeitos. Almeja-se a “educação do futuro” para além da oferta de metodologias criativas e inovadoras; intenta-se a formação dos jovens e professores para a ação protagonista, englobando aspectos da vida escolar, social, acadêmica e profissional, sempre enraizados no autoconhecimento. A causa pela qual luta a Quíron – Educação, reflete-se nos quatro pilares de atuação que representam seus objetivos específicos: “Pilar Empreendedor” – transmitir os principais valores e conceitos que uma pessoa empreendedora deve ter; “Pilar Ser” – desenvolver o autoconhecimento, com base em sonhos e metas; “Pilar Inovador” – convidar o estudante a ampliar seu olhar e exercitar a criatividade; “Pilar Social” – observando a contextualização do entorno: o ambiente onde vivemos, a nossa comunidade e sociedade.

O primeiro contato com a Quíron ocorreu em 2015, por intermédio da participação da pesquisadora como ouvinte em uma das etapas do curso “Formação Jovens Protagonistas”, aplicada junto ao programa de jovens aprendizes (grupo formado por estudantes de ensino médio, oriundos de escola pública) de empresa localizada na região “Cidade Industrial” (Curitiba – Paraná). A atividade, observada pela pesquisadora, relacionava-se à fase de prototipagem de um blog, para divulgação dos projetos elaborados pelo grupo ao longo da jornada do curso. Além de se criar um espaço informativo, buscava-se também um meio de dar continuidade ao que foi trabalhado durante a formação. O acompanhamento dessa dinâmica possibilitou a verificação das ações comunicativas da Quíron na prática, cuja centralidade é o despertar do sujeito juvenil para a autonomia e atuação protagonista em suas vivências educacionais e profissio-

nais. As propostas da Quíron baseiam-se no modelo de comunicação em vias de mão dupla, valorizando a participação dialógica entre os interlocutores.

A educação tem de ajudar a criar nos jovens uma mentalidade crítica, questionadora, desajustadora da inércia na qual as pessoas vivem, desajustadora da acomodação na riqueza e da resignação da pobreza. É muito o que resta por mobilizar, a partir da educação, para renovar a cultura política de maneira que a sociedade não procure salvadores, mas sim crie sociabilidades para conviver, harmonizar, respeitar as regras do jogo cidadão, desde as do tráfego até as do pagamento dos impostos. E, em terceiro lugar, a educação é moderna à medida que é capaz de desenvolver sujeitos autônomos. (BARBERO, 2000 apud CITELLI e COSTA, 2014, p.134)

### **Contexto educacional e injustiças sociais**

Ao contemplarmos os sistemas de educação, compositores de nossa sociedade, nos deparamos com suas complexidades em intersecção com instâncias sociais diversas. Como se observássemos sob a perspectiva da teoria dos conjuntos, o círculo educacional (com suas próprias conjunções internas) se caracterizaria como um subsistema, inserido e conectado simbioticamente ao sistema matricial: a sociedade contemporânea. Focando o olhar sobre o conjunto da educação, seria possível notar um núcleo gerador, cujas atividades identificam-se como processos sociais formativos; tal núcleo seria denominado “escola”. Na visão de Braga e Calazans (2001, p.40), por intermédio do ensino base, “a sociedade busca dar conta de uma, tradicionalmente dupla atribuição dos processos educativos” – disponibilizando o “saber comum”, compartilhado pelo todo, e também “saberes especializados”, em resposta a demandas sociais diversificadas (as vocações, habilidades específicas).

As abordagens referentes ao campo da educação incorrem na perspectiva que atribui a responsabilidade instrucional, majoritariamente, à instituição escolar, tornando hegemônico o processo de ensino. Segundo Orozco Gómez (2014), existiria um monopólio e uma crença generalizada que estabelecem um vínculo funcional de exclusividade entre “educação” e “escola”, de modo a criar

obstáculos para que outras instituições e abordagens – citam-se os meios de comunicação e a tecnologia – participem dos processos educacionais.

Nesse campo se constroem sentidos sociais novos. Renovados, ou ratificam-se mesmos sentidos com roupagens novas. Tudo isso ocorre num processo dialógico de interação com a sociedade, lugar da práxis que desenha e redesenha os sentidos, no caminho da tradição ou da ruptura, do tradicional ou do novo, da permanência ou da mudança. A constituição do novo nunca se poderá dar sem que os resíduos do velho estejam presentes. A ruptura total nunca ocorre. (BACCEGA, 2011, p.31)

A institucionalização do ensino, historicamente estratificada no âmbito escolar, acabaria por construir cobranças sociais e políticas permanentes sobre a escola, direcionando suas abordagens para o cumprimento de metas, diretrizes, normas e padrões curriculares pré-estabelecidos. Conseqüentemente, ao ambiente educacional e aos sujeitos que se desenvolvem nessa estrutura, seriam impostas modelagens coercitivas para demarcar funções, atribuições e papéis específicos – como rituais de expressividade mímica. Constituem-se os “ritualismos”, caracterizados por Huergo (2014) como aspectos rotineiros de repetição e operacionalização; certas regularidades engendradas nas interações sociais, expressando sentidos e significações. Nesse âmbito, as instituições de ensino reforçariam processos simbólicos e imaginários coletivos, edificados ao longo do tempo em sua rotina operacional.

Em sentido oposto, a Quíron propõe temáticas que buscam transcender a grade curricular institucionalizada. Cada um de seus cursos apresenta a possibilidade de imersão educacional, tendo em vista o ensino via desenvolvimento de projetos. Assim, é traçado como objetivo primordial a otimização das ideias propostas pelos próprios jovens, a fim de colocá-las em vias práticas. Como exemplo, temos a formação denominada “Jovens Protagonistas”, a qual estrutura-se em uma jornada de 80 horas de aulas presenciais e 20 horas de assessoria, com fundamentação em saberes organizados em módulos como: empreendedorismo; criatividade e inovação; cidadania e sustentabilidade; liderança e trabalho em equipe; noções de mercado e finanças pessoais; sonhos e planejamento; confiança, coragem e persistência; política e filosofia; *design thinking*.

Configuram-se movimentos de troca, de modo a potencializar as vozes dos sujeitos envolvidos e o aprendizado horizontal (diálogo entre receptor e emissor, alternando papéis). Desse modo, a figura do mentor – em nível elevado e superior ao aprendiz – é substituída pelo papel do mediador/ orientador, cuja função vai além da transmissão de conteúdo informacional; com a mediação comunicativa, pretende-se orientar a construção do caminho do conhecimento, de modo que o indivíduo se perceba não como sujeito passivo, mas como sujeito ativo, agente de ação e transformação. Valoriza-se as experiências, as vivências individuais de cada um(a), bem como o processo de aprender a aprender com as “coisas do mundo”, como contempla Citelli (2004):

Deve-se reconhecer que os processos de inclusão, exclusão, redefinição de temas e problemas dialogam, necessariamente, com um campo de experiências individuais e coletivas enraizadas na vida do aluno: de certa forma, os sentidos gerados pelo discurso formal escolar serão mais ou menos significados em função dos limites dados por aquele campo de experiências. (CITELLI, 2004, p. 123)

No modelo comunicacional da Quíron, emissor e receptor se confundem fazendo com que padrões e rituais da sistemática escolar tradicional sejam transformados por novas dinâmicas processuais. Ocorre a dialogia das interações sociais e escolares, tão caras à interface comunicação/educação (Bacega, 2011). A instituição de ensino já não se configura como a detentora do saber legitimado, mobilizando saberes diversos em canais diversos. Apresenta-se, assim, como um ecossistema comunicativo de modo a descentralizar e difundir conhecimentos múltiplos, em simbiose com as experiências culturais e tecnológicas. A auto-expressão revela-se como um caminho para efetivação de práticas que estimulem a concepção de autonomia, em que “o participante, ao romper essa cultura dilatada do silêncio que lhe foi imposta, passa a dizer sua palavra e a construir sua própria mensagem” (KAPLÚN, 2014, p. 68).

Ao mobilizar o conceito de empreendedorismo, por exemplo, a Quíron não está somente reportando-se à noção de “abrir um negócio”, como é comum ouvirmos em nosso cotidiano. Dornelas (2008, p.22) norteia nossa compreensão ao apresentar a conceituação de empreendedorismo como o “envolvimento de

peças e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades”. O autor cita ainda algumas características formativas do que poderíamos denominar “perfil do empreendedor”, como: busca por oportunidades e iniciativa; persistência; correr riscos calculados; exigência de qualidade e eficiência; comprometimento; busca de informações; estabelecimento de metas; planejamento e monitoramento sistemático; persuasão e rede de contatos; independência e autoconfiança. Ao aproximar os jovens do conceito de “empreendedorismo”, aproxima-os de novas possibilidades.

Em contramão, no quadro simbólico da escola, as relações dos estudantes e profissionais da educação com suas atividades espelhariam mimetizações naturalizadas por seus papéis institucionalizados. Tal ritualismo converge para a concepção “bancária” da educação – em referência a Freire (2016) –, reduzindo processos de ensino-aprendizagem ao ato de depositar (os educandos seriam depositários e o educador o depositante).

Considerando-se a demanda social pela formação de indivíduos mais protagonistas e ativos, nos deparamos com barreiras constituídas ao longo da história na estrutura estruturante da escola. As injustiças sociais, inerentes à ambientação bancária do contexto escolar – baseada na replicação de ideologias e estruturas econômicas que convergem para o não reconhecimento das diferenças, por exemplo – são intensificadas pelas ritualidades. Identificam-se questões que envolvem tanto aspectos distributivos (como a escassez de recursos direcionados às escolas públicas brasileiras) e aspectos de reconhecimento (tal como a depreciação das potencialidades de autonomia do professor, na atividade de ensinar, e do aluno, no ato de aprender). No modelo bancário, cria-se um roteiro de ação que impede a autonomia e o protagonismo dos atores.

Justiça, hoje, requer tanto redistribuição quanto reconhecimento; nenhum deles, sozinho, é suficiente. A partir do momento em que se adota essa tese, entretanto, a questão de como combiná-los torna-se urgente. Sustento que os aspectos emancipatórios das duas problemáticas precisam ser integrados em um modelo abrangente e singular. A tarefa, em parte, é elaborar um conceito amplo de justiça que consiga acomodar tanto as reivindicações defensáveis de igualdade social quanto as reivindicações defensáveis de reconhecimento da diferença. (FRASER, 2007, p.103)

Ao considerarmos a carência de investimentos na educação pública, percebemos o desencadeamento de uma série de consequências que demandam soluções redistributivas. É possível aludir que a privação de recursos intensificaria aspectos como: a exigência do cumprimento de cargas-horárias cumulativas, baixa remuneração, aumento do número de alunos por turma, evasão escolar, dentre muitos outros. inviabilizam processos de planejamento baseados em ideias de readequação. Somado a isso, a injustiça desenhada pelos moldes da educação bancária (Freire, 2016) parte da perspectiva do não-reconhecimento das potencialidades dos alunos e professores (o falso-reconhecimento como meros depositários e depositantes de conhecimento).

### **Interface Comunicação/Educação e os remédios transformativos**

Os estudos da interface Comunicação/Educação buscam demonstrar a autonomia dos indivíduos em seus processos de ensino-aprendizagem, ainda que submissos a ideologismos e estruturas estratificados. No contexto educacional, as ocupações das escolas públicas em 2016, por exemplo, incitadas por injustiças sociais que abarcam questões de não-reconhecimento e má-distribuição, seriam o resultado de uma série de destempos entre a instituição escolar e o mundo político e social.

O conceito de “destempo”, contextualizado por Orozco Gómez (2006), sugere tempos de adaptação diferentes às mudanças e transformações socioculturais, vivenciados pelos indivíduos e instituições sociais. Nas palavras do autor, “estariamos experimentando uma série de destempos que correm atropeladamente ao longo da vida cotidiana” (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.86). A rotina escolar, por exemplo, com períodos e locais fixos, afasta-se das vivências externas à sala de aula, dificulta as relações dos alunos com a escola, da escola com o professores, dos professores com o alunos.

Os estudos promovidos pela interface comunicação/educação buscam desenvolver processos educacionais multifocais que estabeleçam o diálogo entre áreas de conhecimento e espaços sociais divergentes, diluindo barreiras que territorializam o ambiente escolar. Como um dos desafios desse intercâmbio entre áreas, é citada por Baccega (2011) a questão da verificação crítica da realidade na qual estamos inseridos, saber ler e interpretar o mundo. São apre-

sentadas propostas de renovação sistemática, modelos dinâmicos e práticas de ensino-aprendizagem inovadoras que poderiam ser definidos como remédios corretivos a curto prazo e transformativos a longo prazo (se instituídos com aplicabilidade e manutenção contínuos).

[...] comunicação/ educação inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado. (BACCEGA, 2011, p.32)

A superação do modelo de educação bancária, proposta por Paulo Freire, continuam ancoradas nas mais diversas tentativas de atualização do ecossistema escolar. Comunicação e Educação, em processos de simbiose, buscam alternativas que redirecionem norteadores educacionais ainda submissos às das barreiras ideológicas e culturais impostos social e historicamente. Desde os primeiros relatos que envolvem a interface Comunicação/Educação, é possível identificar um obstáculo que evolui simultaneamente a seu processo de simbiose. Tal obstáculo caracteriza-se por uma série de construções identitárias que impedem o fluxo de adequações do sistema educacional, que impedem as reivindicações por justiça.

O modelo de status proposto por Fraser – em que a luta por reconhecimento não procura a valorização de identidades, mas a superação da subordinação dialoga com os preceitos da interface-comunicação no sentido de buscar soluções elaboradas contextualmente. Considerando que o “modelo de status não está comprometido, a priori com nenhum tipo de solução específica para o não reconhecimento” (FRASER, 2000, p. 113), as propostas da interface buscariam a redefinição de padrões institucionalizados que impedem a paridade participativa, em conjunção a aspectos redistributivos. Comunicação e Educação, juntas em simbiose, caracterizam-se como as soluções transformativas apontadas por Fraser (2013), as quais preocupam-se com as raízes dos problemas; transcendem o efeito dos remédios paliativos (soluções superficiais e a curto prazo), se modo apresentarem-se mais eficazes e aptas a conciliar a dimensão econômica à cultural. No entanto, sua aplicabilidade complexa delinea obstáculos

que demandam tempo para serem desconstruídos. Propõe-se então reformas não reformistas, remédios pontuais, capazes de gerar efeitos transformadores a longo prazo; esse, talvez, materializados na ação da Quiron como resolução inicial, um ponto de partida..

## **Considerações finais**

Como resultados iniciais, identificou-se a mobilização de um conjunto de saberes que articulam-se à interface comunicação/educação nas estratégias discursivas do empreendedor social – relacionadas tanto à atuação profissional quanto ao ensino do empreendedorismo. Aspectos como atuação protagonista, gestão de si (empreendedorismo), inovação e transformação social transitam entre as territorialidades do mundo do negócio (social) e do mundo da educação.

Desse modo, a formação discursiva na qual circunscreve-se o discurso da Quíron – Educação como negócio social abarca saberes que transitam entre formações discursivas (FD) diferentes, onde saberes constitutivos múltiplos inserem-se. Tem-se a heterogeneidade do discurso materializada nos deslizamentos de sentido circunscritos dos dizeres articulados pela Quíron – Educação.

Interessante destacar que a mobilização do empreendedorismo como um dos eixos de atuação da organização possibilitam o diálogo aproximativo entre o mundo da educação e o mundo do trabalho, fato que torna também dialógico o processo de ensino-aprendizagem. Ao aproximar-se da realidade da juventude que caracteriza seu público, a Quíron passa a promover o que poderíamos definir como fissuras no rígido e espesso muro que separa a escola institucionalizada da “vida lá fora”.

Busca-se a aproximação entre a instituição escolar tradicional/formal e não um rompimento, já que o propósito da organização tem suas bases justamente no combate à evasão e à desistência/resistência do jovem em relacionar-se com a vivência escolar. No entanto, é preciso romper com o muro, caracterizado então pelas ritualidades que impõem uma sistemática interpelada por injustiças – que, por ser interpelada e sem conseguir resistir, acaba por fomentá-las.

Vemos assim, nas incursões da Quíron possibilidades e alternativas que funcionem como remédios para as problemáticas enfrentadas pelos sistemas de ensino e suas estruturas estruturantes: o modelo de escola em vigência, em especial o que se aplica à estrutura pública. Assim, novas formas de aprender e ensinar viabilizam caminhos para o olhar crítico e o desenvolvimento do protagonismo juvenil, cujas manifestações tendem a sinalizar revoluções no processo educacional.

## Referências

- BACCEGA, M. A.. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica IN: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BRAGA, José Luiz e CAZALANS, Maria Regina Z. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.
- CITELLI, Adilson Odair. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. 3.ed.São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- DIPP, Daniel. Escola Quiron: construindo 100 heróis. IN: *Plataforma Catarse*. 2015. (3m37s). Disponível em: < <https://www.catarse.me/escolaquiron>>. Acesso em: 15 de jun. 2018.
- FRASER, N. *Repensando o reconhecimento*. Revista Enfoques, v.9, n.1, p.114-128, Rio de Janeiro, agosto 2010. Disponível em <http://www.enfoques.ifcs.uff.br> Acesso em: 30 de julho de 2017.
- FRASER, N. *Reconhecimento sem ética?* Lua Nova, São Paulo, 70:101-138, 2007. (Theory, Culture & Society, v.18, p.21-42, 2001.
- FRASER, N. *Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista*. Tradução Julio Assis Simões. Cadernos de campo, São Paulo, n.14/15, p.231-239, 2006.
- FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do oprimido*. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GRANATO, F. *Roda de discussão do lançamento do livro “Empreendedorismo Social e Inovação Social no contexto brasileiro”* [jun. 2018]. Curitiba: PUC-PR, 2018. Gravação digital (95 min).
- HUERGO, Jorge A. Um guia de comunicação/ educação, pelas transversais da cultura e da política. In: APARICI, Roberto. *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014.

KAPLÚN, Mário. Uma pedagogia da comunicação. In: APARICI, Roberto. *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. *Reconhecimento em debate: os modelos de Honneth e Fraser em sua relação com o legado habermasiano*. Trabalho apresentado na Sessão Coordenada Temas em Comunicação e Democracia I, do I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.

OROZCO GÓMEZ, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006, p. 81 – 98.

\_\_\_\_\_. *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2014.

ROSOLEN, Talita; TISCOSKI, Gabriela Pelegrini; COMINI, Graziella Maria. Empreendedorismo social e negócios sociais: Um estudo bibliométrico da produção nacional e internacional. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 3, n. 1, 2014.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o corpus na análise do discurso. *SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD*, v. 2, p. 1-6, 2007.

*Site da organização Quiron – Educação*. Disponível em: < <https://www.quironedu.com> >. Acesso em: 05 de jun. de 2018.

YNUS, M. *Criando um negócio social: como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas da sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010

## Sobre a autora

**Sarah Hiratsuka Rezende** - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPG-COM UFPR), na linha de pesquisa Comunicação e Formações Socioculturais, bolsita CAPES. Graduada em Comunicação Social - habilitação em Relações Públicas - pela Universidade Federal do Paraná (2015). Graduada em Tecnologia em Design Gráfico pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2014). Tem experiência nas áreas de Comunicação, com ênfase na interface Comunicação/ Educação, e Design Gráfico, como diretora de arte.